

**COTEJO DE EDIÇÕES DO SONETO
“AO PECADOR ARREPENDIDO”,
DE GREGÓRIO DE MATOS GUERRA**

Elias Alves de Andrade (UFMT)
elias@cpd.ufmt.br

INTRODUÇÃO

O presente trabalho constitui-se de um estudo de crítica textual, a partir do manuscrito do soneto “Ao Peccador arrependido”, de Gregório de Matos Guerra, editado por Manuel Pereira Rabelo, em “Vida e morte do Doutor Gregório de Matos” (Século XIII), levando-se em conta os seis testemunhos: um manuscrito e cinco impressos existentes do poema.

Além de serem abordados aspectos sobre a biografia do autor e sua obra, serão feitas edições fac-similar e diplomática, seguidas de comentários, definição de critérios, acompanhados de edição crítica e aparato crítico, além de com comentários sobre o aparato crítico, de conformidade com o que dispõem Acioli (2003), Azevedo (1987), Cambraia (2005), Santiago-Almeida (2000), Spaggiari & Perugi (2004) e Spina (1977), a propósito de crítica textual.

LIVRO DOS MINICURSOS

AUTOR: VIDA E OBRA²⁷

Gregório de Matos Guerra nasceu em Salvador, Bahia, em 23 de dezembro de 1633²⁸, cujos ascendentes são naturais de Guimarães, Portugal. Advindo de família de proprietários rurais, empreiteiros de obras e servidores públicos, portanto, com estável situação social e financeira, iniciou seus estudos no Colégio dos Jesuítas em Salvador, Bahia, em 1642, seguindo mais tarde para Portugal, tendo, em 1652, ingressado na Universidade de Coimbra, onde se graduou em Direito em 1661, ano em que se casa.

Em 1663, ainda em Portugal, inicia a carreira jurídica, tendo sido nomeado Juiz de Fora de Alcáter do Sal, onde exerceu também a função de Provedor da Santa Casa de Misericórdia, entre 1665 e 1666, e, em 1671, é alçado ao cargo de Juiz do Cível em Lisboa. Fica viúvo em 1678, com uma filha. Em 1679, é nomeado Desembargador da Relação Eclesiástica da Bahia e, em 1682, Tesoureiro-mor da Sé.

Reconhecido como magistrado de importância e renome, Gregório de Matos volta para a Bahia em 1683, depois de trinta e dois anos morando em Portugal. Ingressado na vida eclesiástica, é expulso em seguida por recusar-se a usar batina, desenvolve sua veia poética satírica, retratando a vida relaxada e promíscua de Salvador à época e a igreja católica. Torna-se o cronista dos costumes da sociedade baiana: dos ricos e governantes, dos brancos e negros, da nobreza nativa e dos mulatos. Tendo abandonado as carreiras de magistrado e clérigo, enveredada para a poesia da sátira, do erotismo, da pornografia, da

²⁷ Os dados aqui utilizados constam do site da Academia Brasileira de Letras, em Gomes (1985), Wisnik (1976), Rede Bahia (2005), dentre outras fontes relacionadas na bibliografia.

²⁸ Wisnik (1976, p. 11) registra o nascimento de Gregório de Matos Guerra em 20 de dezembro de 1633 ou 1636.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

poesia grotesca, lírica e sacra, tendo sido apelidado de “Boca do Inferno”.

Casa-se novamente e tem um filho. Levando vida de “homem solto sem modo cristão” nas andanças pelo Recôncavo Baiano, é denunciado por heresia à Inquisição da qual se livra, talvez por prestígio da família Matos. Em razão de ter criado inimizade com o Governador da Bahia, é enviado para Angola em 1694, onde se envolve em conspiração de militares e, embora não pudesse voltar ao Brasil, algum tempo depois é enviado para Recife, longe dos inimigos e desafetos da Bahia, onde morre em 26 de novembro de 1695.

Segundo a Academia Brasileira de Letras, Gregório de Matos Guerra

(...) foi o primeiro poeta a cantar o elemento brasileiro, o tipo local, produto do meio geográfico e social. Influenciado pelos mestres espanhóis da Época de Ouro, Góngora, Quevedo, Gracián, Calderón, sua poesia é a maior expressão do Barroco Literário brasileiro, no lirismo. Sua obra compreende poesia lírica, sacra, satírica e erótica.

Com a imprensa censurada e oficialmente proibida, assegura ainda a Academia Brasileira de Letras:

Suas poesias corriam em manuscritos, de mão em mão, e o Governador da Bahia, D. João de Alencastro, que tanto admirava “as valentias desta musa”, coligia os versos de Gregório e os fazia transcrever em livros especiais. Ficaram também cópias feitas por admiradores, como Manuel Pereira Rabelo, biógrafo do poeta.

Não se pode assegurar que toda a obra atribuída a Gregório de Matos seja de fato de sua autoria. Boa parte é apógrafa certamente. Entre os melhores e mais completos códices destacam-se os que estão na Biblioteca Nacional, em Lisboa, no Palácio Itamaraty, no Brasil, nos Estados Unidos da América, e os do Historiador Francisco Adolfo Varnhagen, que publicou um conjunto de 39 poemas em: “Florilégio da Poesia Brasileira”, editado em Lisboa, em 1950, várias antologias e

LIVRO DOS MINICURSOS

“Parnasos”, publicados por Alfredo do Valle Cabral, em 1882, de Afrânio Peixoto, em 1923-1933, em 6 volumes, pela Academia Brasileira de Letras, e James Amado, em 1968, em 7 volumes, obra reeditada em 2 volumes pela Editora Record, em 1990, com o título de “Obra Poética”.

De acordo com Spaggiari & Perugi (2004, p. 324),²⁹

Com efeito, Gregório de Matos não publicou em vida nenhum texto, e dentre os muitos códices que constituem o conjunto da sua tradição (34 manuscritos principais, após 'eliminatio codicum descriptorum'), nenhum apresenta as qualidades suficientes para ser promovido ao grau de 'codex optimus'.

Por sua vez, Chociay (1993, p. 30) afirma:

A segunda edição J. Amado, a única em circulação, deve sofrer a limpeza de uma revisão criteriosa, para que possa realmente tornar-se o texto mais confiável de Gregório de Matos, até que uma edição crítica venha a surgir.

Segundo Houaiss (1990, p. 1273-1278), pode-se afirmar com toda a segurança que a tradição de Gregório de Matos, entendida em sua estrita acepção ecdótica,

(...) está longe de ter sido racionalmente aproveitada pela erudição para o estabelecimento fiel e fidedigno, tanto quanto possível, do texto de Gregório de Matos.

Assegurando ter a tradição de Gregório texto impresso ou parcial ou fundado sobre um só ramo, ou derivado de tradição imperfeita, ou estabelecido com quase total ausência de critério ecdótico, Houaiss (1990, p. 1774), ao mesmo tempo em que elenca dez características objetivas desta tradição, afirma que os códices: "*Parnaso brasileiro*, de J. M. Pereira da Silva, Rio de Janeiro, 1843, 2. vols.", e "*Florilégio de poesia brasileira*, de Adolfo Varnhagen, 1850, 2ª ed. Rio de Janeiro,

²⁹ Artigo: "Os sonetos de Gregório de Matos: algumas reflexões sobre a tradição manuscrita", In: "Fundamentos da Crítica Textual" (ver bibliografia).

Academia Brasileira de Letras, 3. vols.", devem ter sido a base da tradição impressa da obra de Gregório de Matos.

EDIÇÃO FAC-SIMILAR

A edição fac-similar ou reprodução mecânica é, segundo Spina (1977, p. 77-78), a “fotografia do texto (...) a edição fotomecânica ou fac-similar.” baseando-se, “em princípio no grau zero de mediação, porque, neste tipo, apenas se reproduz a imagem de um testemunho através de meios mecânicos, como fotografia, xerografia, escanerização etc”. (Cambraia, 2005, p. 91) e digitalização, possibilitando ao leitor o acesso quase que diretamente ao texto, como vantagem, mas permitindo leitura apenas a especialistas.

A seguir, apresenta-se a edição fac-similar do referido soneto, publicada na revista “Nossa História, nº 11, set/2004”, que será considerada aqui como a edição *princeps* para os trabalhos subsequentes de crítica textual.

Ao Peccador Arrependido. Soneto.

Offendi vos meu DEOS bem E Verdade,
Ei verdade meu DEOS que Eoy de linguico,
de linguico vntendo, e offendido
offendido vntem minha maldada.

Maldade que enlaminha a vidade,
Vidade que de todo me E vntido,
vntido quero verme arrependido
arrependido da tanta inormidade.

Arrependido atou de Coraçao,
de Coraçao vntendo carne abraço,
abraço que me vntem vnta Luz:

Luz que clero me mostra a abraço,
a abraço vntendo Comtuy abraço,
misericordia meu DEOS SEUS, SEUS.
Vntem

M. P. RABELLO. VIDA E MORTE DO DOUTOR GREGORIO DE MATTOS.

EDIÇÃO DIPLOMÁTICA

Segundo Spina (1972, p. 78), a edição diplomática constitui a

(...) reprodução tipográfica do original manuscrito, como se fosse completa e perfeita cópia do mesmo, na grafia, nas abreviações, nas ligaduras, em todos os sinais e lacunas, inclusive nos erros e nas passagens estropiadas.

Deve-se reconhecer que, mesmo com as pequenas alterações que a caracterizam, a edição diplomática já implica em certa interpretação do texto nos seus aspectos paleográficos, até pelo fato de que o texto, antes manuscrito, passa a ser tipografado.

Por sua vez, Azevedo Filho (1987, p. 30) afirma que a "edição diplomática é aquela que, por meios tipográficos, reproduz exatamente a lição de um manuscrito." E mais, continua o citado autor:

(...) numa edição realmente diplomática não deve haver a correção de nenhum erro, nem mesmo a introdução de sinais de pontuação ou qualquer adaptação ortográfica.

Já para Cambraia (2005, p. 93), "Na edição *diplomática* tem-se a primeira forma de mediação efetivamente feita pelo crítico textual, sendo esta, porém, bastante limitada: trata-se, portanto, de um *grau baixo de mediação*." É, de fato, uma edição conservadora que tem a vantagem de facilitar a leitura de manuscritos e a desvantagem de servir apenas a especialistas.

LIVRO DOS MINICURSOS

EDIÇÃO DIPLOMÁTICA DO MANUSCRITO

Ao Peccador
Arrependido.

Soneto.

Offendi vos meu Deos bem hé verdade,
hé verdade meu Deos, que hey delinquido,
de linquido vos tenho, e offendido,
offendido vos tem minha maldade.

Maldade que enCaminha avaydade,
vaydade que detodo mehá vencido,
vencido quero verme earrependido,
arrependido de tanta inormidade.

Arrependido estou de Coraçãõ,
deCoraçãõ vos busCo, dayme osbraços,
abraços que me rendem vossa luz:

Luz que claro memostra aSalvaçãõ.
aSalvaçãõ pertendo Com tais braços,
miseriCordia meu Deos Iesus, Iesus.

Aper=

TESTEMUNHOS

Testemunho "A"

Trata-se do manuscrito "A", provavelmente apógrafo, de Gregório de Matos, constante da obra de Manuel Pereira Rabelo: "Vida e morte do Dr. Gregório de Mattos Guerra", editado em fac-símile à página 5.

Testemunho “B”

Este testemunho foi publicado em “Obras de Gregório de Matos/Clássicos Brasileiros. Rio de Janeiro: Oficina Industrial Graphica (1929)”.

Ao mesmo assumpto.

OFFENDI-VOS, meu Deus, é bem verdade,
E' verdade, Senhor, que hei delinquido,
Delinquido vos tenho, e offendido,
Offendido vos tem minha maldade.

Maldade, que encaminha a vaidade,
Vaidade, que todo me ha vencido,
Vencido quero ver-me e arrependido,
Arrependido a tanta enormidade.

Arrependido estou de coração,
De coração vos busco, dae-me os braços,
Abraços, que me rendem vossa luz.

Luz, que claro me mostra a salvação,
A salvação pertendo em taes abraços,
Misericórdia, amor, Jesus, Jesus!

Testemunho “C”

Este testemunho foi publicado em “Gregório de Matos. Poemas escolhidos. Edição: Prof. José Miguel Wisnik. São

LIVRO DOS MINICURSOS

Paulo: Cultrix, 1975”. Wisnik (p. 13) assegura serem Portugal e Brasil as referências de Gregório descrevendo aquele país como:

Portugal da restauração: a mentalidade jesuítica, a Contra-Reforma e a consciência dividida entre a moral pública, ascética e a prática sensual, privada; as agudezas conceptistas, os labirintos formais do cultismo, o pessimismo do *desengaño* pós-renascentista.

Neste contexto, de acordo com Wisnik (1975, p. 13), firma-se “a tradição da sátira portuguesa, grossa, palavrosa, a desancar desbocadamente os desafetos, a devassar a prática sexual dos conventos”. No Brasil colonial, o engenho está em crise, há “uma burguesia comercial enriquecida que aspira à nobreza”, proprietários rurais, que se endividam graças ao baixo preço do açúcar, que se opunham aos portugueses, monopolizadores do comércio.

Portugal entra em franca decadência, o comércio com o oriente fracassa, o tráfico de escravos da África não sustenta mais a economia portuguesa e oprime-se e penaliza-se o Brasil com mais impostos.

A poesia satírica de Gregório, segundo Wisnik (1975), registra em vários pontos essas tensões, embrenha-se nas contradições e se empenha em dar-lhes resposta.

Em “observações sobre os critérios adotados”, a propósito da edição da obra de Gregório, Wisnik (1975, p. 29-31) aponta a dificuldade de não se conhecer texto do poeta assinado ou impresso por ele. Os códices datados dos séculos XVII e XVIII são resultado de diversos colecionadores, reunidos sem critério normativo e com textos de autoria duvidosa e, quando impressos, baseados geralmente em apógrafos, sem a comparação entre as várias fontes.

Wisnik (1975, p. 30) trabalha com a comparação entre as edições de Afrânio Peixoto (1923-1933) e de James Amado

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

(1968), recorrendo a algumas antologias de Sérgio Buarque de Holanda (1952) e de Segismundo Spina (1946).

Afirma ainda que muitos textos só ocorrem na edição de James Amado, adotando-a, “mas uniformizando o critério de pontuação, que muitas vezes é mais prosódico que sintático (vírgula indicando pausa)”, adotando-se a pontuação predominante na edição da Academia Brasileira de Letras. No caso de disparidade, usa-se uma das edições remetendo-se a nota a outra.

Wisnik (1975, p. 30-31) divide didaticamente a obra de Gregório, segundo critério temático, em:

1. *A poesia de circunstância*, voltada para a realidade circundante, o meio social, a cidade de Salvador e o Recôncavo Baiano, estando nesta categoria a sátira social e a graciosa, esta sobre fatos pitorescos, a poesia encomiástica, de caráter elogioso, e alguns experimentos formais.
2. *A poesia amorosa*, poesia lírico-amorosa a que Wisnik chama de erótico-irônica, incluindo-se nesta a sátira.
3. *A poesia religiosa*, que tematiza a culpa e o perdão, a vida como trânsito. É a que consta da *lírica* na edição da Academia Brasileira de Letras.

LIVRO DOS MINICURSOS

A N. SENHOR JESUS CRISTO COM ATOS DE ARREPENDIMENTO
E SUSPIROS DE AMOR

SONETO

Ofendi-vos, meu Deus, é bem verdade,
É verdade, Senhor, que hei delinqüido,
Delinqüido vos tenho, e ofendido,
Ofendido vos tem minha maldade.

Maldade, que encaminha a vaidade,
Vaidade, que todo me há vencido,
Vencido quero ver-me e arrependido,
Arrependido a tanta enormidade.

Arrependido estou de coração,
De coração vos busco, dai-me os braços,
Abraços, que me rendem vossa luz.

Luz, que claro me mostra a salvação,
A salvação pretendo em tais abraços,
Misericórdia, amor, Jesus, Jesus!

Testemunho “D”

James Amado, que editou este soneto em: “Gregório de Matos. Obra poética, vol. 1. São Paulo: Record, 1990”, afirma, à pág. 1279, em “Notas à margem da editoração do texto-II”, que a “simples colação do texto de 25 volumes de códices apógrafos, nos quais a cópia dos versos jamais é idêntica, provoca muitas centenas de notas”. Acredita “ter descoberto o códice manuscrito elaborado pelo próprio licenciado Manuel Pereira Rabelo, 'o 'biógrafo' do poeta”, porém sem “os dois únicos códices (...) datados em suas folhas de rosto”:

- a) O códice de 1775, cujo segundo volume está na Biblioteca Nacional; e
- b) O códice de 1711, "que parece de volume único", que está na Biblioteca do Congresso Americano, em Washington – EUA.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

James Amado relaciona as seguintes razões para as afirmações feitas:

- a) Na coleção de quatro volumes de Celso Cunha, que é o códice de Rabelo, o texto da “biografia é o único que mantém uma rígida unidade de composição e linguagem”.
- b) Nas demais variantes, a de Varnhagen (1950) “acrescida por outro engenho”, é “a unidade de composição (...) desmerecida pelos acréscimos.” (p. 1279-1280).

Prova disso, segundo James Amado (1990, p. 1280), é a referência “expressa às didascálias – mantidas quase todas nesta edição – com que apresenta as poesias, estabelecendo que o autor do texto biográfico é a mesma pessoa que elaborou o códice”. E mais, que “Linguagem e conteúdo das didascálias são os mesmos da ‘biografia’: a prosa floreada, a preocupação de defender e ‘proteger’ o poeta contra as acusações de que era vítima”.

James Amado (1980) comparou o códice de Rabelo, que não é uma edição diplomática, aos apógrafos. Segundo ele, Rabelo “arrumou o verso à sua maneira, separando-o por assuntos, em blocos que acentuam o seu sentido de crônica da época, no que coincide com a visão de Amado sobre o fenômeno. E continua:

(...) mas foi elaborado para ressaltar outra imagem do poeta. Colocamos (...) no penúltimo capítulo, as peças do período angolano, pernambucano, e, no final, o período português, que cronologicamente é o primeiro.

Também Gomes (1985, p. 7-10) reconhece a maior validade da edição da Academia Brasileira de Letras, por ser a mais completa, feita por Afrânio Peixoto (1923-1933 e 1943), que rejeitou, em sua edição em seis volumes, poesias “licen-

LIVRO DOS MINICURSOS

ciosas, tão cruas de obscenidade, que tivemos de fugir ao primeiro intento de publicar” (p. 1281).

A N. SENHOR JESUS CHRISTO COM ACTOS DE ARREPENDIDO E SUSPIROS DE AMOR.

**Ofendi-vos, Meu Deus, bem é verdade,
É verdade, meu Deus, que hei delinqüido,
Delinqüido vos tenho, e ofendido,
Ofendido vos tem minha maldade.**

**Maldade, que encaminha à vaidade,
Vaidade, que todo me há vencido;
Vencido quero ver-me, e arrependido,
Arrependido a tanta enormidade.**

**Arrependido estou de coração,
De coração vos busco, dai-me os braços,
Abraços, que me rendem vossa luz.**

**Luz, que claro me mostra a salvação,
A salvação pertendo em tais abraços,
Misericórdia, Amor, Jesus, Jesus.**

Testemunho “E”

Em "Gregório de Matos. Poesias Seleccionadas. São Paulo: FTD, 1993", Silveira (p. 9-15) informa que, sem ter publicado nenhum livro, os versos de Gregório correram em manuscritos dispersos e estropiados em cópias de admiradores cuja autenticidade é questionável.

Baseia-se na terceira edição de James Amado (1942), justificando sua escolha no fato de esta edição ter-se pautado em maior número de códices, ao lado de registro de variantes, informando ser uma antologia de cunho meramente didático.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Divide a obra de Gregório de Matos em religiosa e profana. A poesia religiosa é homogênea e monolítica. A poesia profana divide-se em: amorosa, encomiástica e de circunstância e sátira. Trata-se de obra barroca, ora numa perspectiva séria e angustiada, ora jocosa, galhofeira e pornográfica. É o poeta do temporal, do circunstante e do fortuito.

**A N. SENHOR JESUS CHRISTO COM ACTOS
DE ARREPENDIDO E SUSPIROS DE AMOR.**

Ofendi-vos, meu Deus, bem é verdade,
É verdade, meu Deus, que hei delinqüido,
Delinqüido vos tenho, e ofendido,
Ofendido vos tem minha maldade.

Maldade, que encaminha à vaidade,
Vaidade, que todo me há vencido;
Vencido quero ver-me, e arrependido,
Arrependido a tanta enormidade.

Arrependido estou de coração,
De coração vos busco, dai-me os braços,
Abraços, que me rendem vossa luz.

Luz, que claro me mostra a salvação,
A salvação pertendo em tais abraços,
Misericórdia, Amor, Jesus, Jesus.

Testemunho “F”

Este testemunho é reproduzido por Spaggiari, Bárbara e Perugi, Maurizio em: “Fundamentos da Crítica Textual. Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 2004”, com o único objetivo de exemplificar casos de diérese “com respeito à alternância prosódica *vaidade/vaïdade* (vv. 5-6)”. Segundo Perugi, “o editor vê-se obrigado, mesmo contra a sua vontade, a postular uma diérese, no intento de respeitar a escansão do decassílabo heróico, embora a mesma diérese também pareça provável no verso precedente, logo a seguir à crase entre – a e à” (p. 341).

«A Jesus Cristo Nosso Senhor»

- Ofendi-vos, meu Deus, é bem verdade,
É verdade, Senhor, que hei delinquido,
Delinquido vos tenho e ofendido,
Ofendido vos tem minha maldade.
- 5 Maldade que encaminha à vaidade,
Vaidade que todo me há vencido,
Vencido quero ver-me e arrependido,
Arrependido a tanta enormidade.
Arrependido estou de coração,
- 10 De coração vos busco, dai-me os braços,
Abraços que me rendem vossa luz.
Luz que claro me mostra a salvação,
A salvação pertendo em tais abraços,
Misericórdia, amor, Jesus, Jesus.

EDIÇÃO CRÍTICA

A edição crítica representa a lição do editor tendo como resultado sua intermediação a partir do manuscrito A (ver item 3), confrontando-o com os cinco testemunhos: B, C, D, E e F, que deverão obedecer aos seguintes critérios:

- (a) As fronteiras de palavras devem ser estabelecidas ou modernizadas.
- (b) A pontuação original é rigorosamente mantida.
- (c) A acentuação, presença ou ausência do diacrítico, deve ser modernizada. Ex. salvação, ms: Salvaça-
õ; misericórdia, ms: miseriCordia.

- (d) O emprego de maiúsculas e minúsculas deve ser modernizado, no meio ou início da palavra, usando-se maiúscula em início de verso como usual em sonetos modernamente. Ex: misericórdia, ms: miseriCórdia; com, ms: Com.
- (e) A grafia deve ser modernizada, assim como o uso de hífen onde couber atualmente, como em: Ofendi-vos, ms: Offendi vos; é, ms: he; Deus, ms: Deos; vaidade, ms: vaydade; pretendo, ms: per-tendo; Jesus, ms: Iesus. Além disso, corrigiu-se a grafia, como em: enormidade, ms: inormidade.

EDIÇÃO CRÍTICA

Ao pecador arrependido

Ofendi-vos meu Deus bem é verdade,
É verdade meu Deus, que hei delinquido,
Delinquido vos tenho, e ofendido,
Ofendido vos tem minha maldade.

Maldade que encaminha a vaidade,
Vaidade que de todo me há vencido,
Vencido quero ver-me e arrependido,
Arrependido de tanta enormidade.

Arrependido estou de coração,
De coração vos busco, dai-me os braços,
Abraços que me rendem vossa luz:

Luz que claro me mostra a salvação,
A salvação pretendo com tais braços,
Misericórdia meu Deus Jesus, Jesus.

LIVRO DOS MINICURSOS

APARATO CRÍTICO

O aparato crítico, que pode ser negativo ou positivo, expressa as variantes a partir das decisões da edição crítica. Segundo Cambraia (2005, p. 169),

Um *aparato crítico* (...) consiste na subseção em que são registradas as variantes textuais presentes nos testemunhos empregados na fixação do texto crítico. Há basicamente dois tipos de aparatos: *positivo* ou *negativo*. O aparato *positivo* é aquele em que se registram as variantes de todos os testemunhos, incluindo a adotada e as não-adotadas no texto crítico; já o *negativo* é aquele em que se registram apenas a(s) variante(s) não-adotada(s) no texto crítico.

A opção, aqui, é pelo aparato negativo, que será desenvolvido a seguir:

1: Ofendi-vos] OFFENDI-VOS, (B); Ofendi-vos, (C-D-E-F)

1: meu Deus] meu Deos (A); , meu Deus, (B-C-E-F); ,Meu Deus, (D)

1: bem é] bem hé (A); é bem (B-C-F);

2: É] hé (A); E' (B)

2: meu Deus] meu Deos (A); ,Senhor, (B-C-F); ,meu Deus, (D)

2: hei] hey (A)

2: delinquido] delinqüido (C-D-E)

3: Delinquido] de linquido (A); Delinqüido (C-D-E)

3: , e ofendido,] , e offendido, (A-B); e ofendido,(F)

4: Ofendido] offendido (A), Offendido (B)

5: Maldade] Maldade, (B-C-D-E)

5: encaminha] enCaminha (A)

5: a] à (D-E-F)

5: vaidade] vaydade (A)

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

- 6: Vaidade] vaydade (A); Vaidade, (B-C-D-E); Vaïdade (F)
- 6: de todo] detodo (A)
- 6: de] Ø (B-C-D-E-F)
- 6: me há] mehá (A); me ha (B)
- 6: vencido,] vencido; (D-E)
- 7: Vencido] vencido (A)
- 7: ver-me] verme (A); ver-me, (D-E)
- 7: e arrependido] earrependido (A); ,e arrependido (D-E)
- 8: Arrependido] arrependido (A)
- 8: de] a (B-C-D-E-F)
- 8: enormidade] inormidade (A)
- 9: coração] Coração (A)
- 10: De coração] deCoração (A)
- 10: dai-me] dayme (A); dae-me (B)
10. os braços] osbraços (A)
- 11: Abraços] abraços (A); Abraços, (B-C-D-E)
- 11: luz:] luz. (B-C-D-E-F)
- 12: Luz] Luz, (B-C-D-E)
- 12: me mostra] memostra (A)
- 12: a salvação] aSalvação (A)
13. A salvação] aSalvação (A)
- 13: pretendo] pertendo (A-B-D-E-F)
- 13: com] Com (A); em (B-C-D-E-F)
- 13: tais] taes (B)
- 13: braços] abraços (B-C-D-E-F)

LIVRO DOS MINICURSOS

14: Misericórdia] miseriCordia (A); Misericordia (B); Misericórdia, (C-D-E-F)

14: meu Deus] meu Deos (A); ,amor, (B-C-F); ,Amor, (D-E)

14: Jesus,Jesus.]; Iesus, Iesus (A); Jesus, Jesus! (B-C)

15: Aper] Ø (B-C-D-E-F)

COMENTÁRIO DO APARATO CRÍTICO

Serão feitos a seguir os comentários sobre o aparato crítico e as decisões tomadas que resultaram na edição crítica (item 6). Para tanto, optou-se por desenvolver o trabalho por versos para facilitar a compreensão.

Verso	Comentário
1	<u>Offendi-vos e OFFENDI-VOS</u> ⇒ reduz-se de dois “F” para um “f”, para modernização ortográfica, ao mesmo tempo em que se introduz o hífen e se transformam as maiúsculas em minúsculas, conforme usual atualmente. <u>Deos e hé</u> ⇒ <u>Deus e é</u> ; modernização ortográfica.
2	<u>hé</u> ⇒ <u>É</u> , modernização ortográfica. Todos os quatorze versos são normalizados para inicial maiúscula, como atualmente ocorre em sonetos.
2	<u>de linquido</u> → <u>delinquido</u> ; recuperação de unidade de palavra.
4	Ver comentários anteriores (verso 1).
5	<u>maldade</u> ⇒ <u>Maldade</u> ; início de verso. <u>enCaminhar</u> ⇒ <u>encaminhar</u> ; em razão de modernização ortográfica. <u>vaydade</u> ⇒ <u>vaidade</u> ; altera-se “y” por “i”, em razão de modernização ortográfica.
6	<u>mehá</u> ⇒ <u>me há</u> ; estabelecimento de fronteira de palavras.
7	<u>verme</u> ⇒ <u>ver-me</u> ; estabelecimento de fronteira de palavra, além do uso do hífen, atualmente usual. <u>earrependido</u> ⇒ <u>e arrependido</u> ; estabelecimento de fronteira de palavras.
8	<u>arrependido</u> ⇒ <u>Arrependido</u> ; inicial a ⇒ A, início de verso. <u>inormidade</u> ⇒ <u>enormidade</u> , correção ortográfica de “i” para

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

	“e”. Explica-se o “i” no manuscrito, provavelmente, por realização fonético-fonológica na fala de então.
9	<u>Coraçãõ</u> ⇒ <u>coração</u> ; modernização ortográfica, de “C” para “c”, e deslocamento do til de “o” para “a”, como usado atualmente.
10	<u>deCoraçãõ</u> ⇒ <u>De coração</u> ; estabelecimento de fronteira de palavras e maiúscula em inicial de verso. Ver item anterior para “C” e o ti. <u>busCo</u> ⇒ <u>busco</u> ; modernização ortográfica de “C” para “c”. <u>dayme</u> ⇒ <u>dai-me</u> ; estabelecimento de fronteira de palavra, modernização ortográfica de “y” para “i” e introdução de hífen. <u>osbraços</u> ⇒ <u>os braços</u> ; estabelecimento de fronteira de palavra.
11	<u>abraços</u> ⇒ <u>Abraços</u> ; modernização do verso com inicial maiúscula. <u>Rendem</u> ⇒ <u>rendem</u> ; modernização ortográfica, “R” para “r”. <u>Luz</u> ⇒ <u>luz</u> ; modernização ortográfica, “L” para “l”. <u>luz</u> ⇒ <u>Luz</u> ; maiúscula inicial de verso.
12	<u>aSalvaçãõ</u> ⇒ <u>a salvação</u> ; estabelecimento de fronteira de palavra; deslocamento do til de “o” para “a” e modernização ortográfica do “S” para “s”.
13	<u>aSalvaçãõ</u> ⇒ <u>A salvação</u> ; maiúscula inicial de verso, deslocamento do til de “o” para “a” e modernização ortográfica do “S” para “s”. <u>perendo</u> ⇒ <u>pretendo</u> ; desconstrução do encontro consonantal “pr”(e), metátese, usual na língua à época, para a forma usual hoje “per”. <u>Com</u> ⇒ <u>com</u> ; modernização ortográfica de “C” para “c”.
14	<u>miseriCordia</u> ⇒ <u>Misericórdia</u> ; inicial de verso com maiúscula; modernização ortográfica de “C” para “c” e acentuação na sílaba tônica “cor”, como usual hoje. <u>Deos</u> ⇒ <u>Deus</u> , modernização ortográfica.

Além disso, vale destacar que o poema está sob a forma de soneto, com duas estrofes de quatro versos e duas de três versos, decassílabos, embora o verso sexto seja hendecassílabo e o verso terceiro seja eneassílabo. A vírgula, no verso terceiro, pode ter sido usada para desfazer-se a crase possível entre “tenho” e “e”, tornando-se o verso decassílabo, recurso, aliás, mantido nos testemunhos B, C, D e E, mas ausente no F.

LIVRO DOS MINICURSOS

O verso sexto do testemunho F, que teve retirado o “de”, presente no manuscrito, será hendecassílabo se em “ vaidade”, “vai” tiver um hiato “ai”, a exemplo do que ocorre no verso quinto que, dessa forma, seria decassílabo, se, no mesmo testemunho F, houvesse o trema em “vai”. Trata-se de alternância prosódica, “ vaidade” – “vaídade”, em que o editor utiliza-se de diérese para “normalizar” o verso (Spaggiari & Perugi, 2004, p. 341).

Talvez o autor tenha, no caso do verso sexto, empregado “ vaidade”, considerando ditongo em “vai”, por indefinição provável em relação a hiato ou ditongo crescente à época. O editor do testemunho “F” percebe a questão e utiliza o trema em “vaídade” para sinalizar o hiato e indicar a condição de decassílabo para o verso. Mesmo assim, o verso quinto permanece eneassílabo no testemunho F, já que “ vaidade” não possui trema, a não ser que a crase em “à” evite a crase com a palavra anterior, “encaminha”. Nos testemunhos B-C-D-E e F, os editores optaram pela supressão da preposição “de”, mutilando o texto tido aqui como a edição *princeps*, o que não ocorre com o manuscrito A, que mantém a leitura de que “ vaidade” possui ditongo e não hiato, como no verso quinto.

No verso treze, os testemunhos B-C-D-E-F apresentam “abraços” ao invés de “braços”, como no manuscrito A, talvez remetendo-se a “abraços” no verso onze, e, sintomaticamente, substituem “meu Deus” por “Amor” no verso quatorze. Seria uma “dessacralização” por parte destes editores do soneto, sinalizada por “abraços”, pelo próprio autor, no verso onze?

Um aspecto curioso nesse soneto pode ser observado com as letras iniciais do primeiro verso de cada estrofe: O MAL! Caso o soneto: “O pecador arrependido” seja mesmo autógrafa, ou seja, da lavra do poeta, seria esta mais uma sátira de Gregório de Matos Guerra?

CONCLUSÃO

Este trabalho, realizado a partir do manuscrito A, do soneto “Ao Peccador arrependido”, de Gregório de Matos Guerra (p. 5), representa o empenho na aplicação de princípios de crítica textual, conforme estabelecido pelos autores relacionados nas “Referências Bibliográficas” (p. 19), dentre outros.

Ressalte-se que se pretendeu apresentar aqui, de forma sucinta, critérios ou observações que compõem a edição de cada testemunho: A-B-C-D-E-F, por autores diferentes, de maneira a esclarecer as principais características de sua edição.

Por fim, deve-se esclarecer que, como visto, não foi apresentado o estema dos seis testemunhos, embora isso deva e possa ser feito no futuro. Mas, com isso também se quer sinalizar para a incompletude deste trabalho, que necessita evidentemente ser aperfeiçoado, mesmo considerando-se a desafiadora tarefa de editar a obra de Gregório de Matos Guerra, de duvidosa e imprecisa tradição.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACADEMIA Brasileira de Letras.

<http://www.academia.org.br>, 2005.

———. *Obras de Gregório de Mattos/I—Sacra/Clássicos Brasileiros*. Rio de Janeiro: Oficina Industrial Gráfica, 1999.

CANDIDO, A. & CASTELLO, J. A. *Das origens ao Romantismo/Presença da Literatura Brasileira I*. 3ª ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1968.

GOMES, João Carlos Teixeira, *Gregório de Matos, O Boca de Brasa/Um estudo de plágio e criação intertextual*. Petrópolis: Vozes, 1985.

LIVRO DOS MINICURSOS

HOUAISS, Antônio. Tradição e problemática de Gregório de Matos. **In:** *Obra poética de Gregório de Matos*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Record, 1990.

MATOS, Gregório de. *Gregório de Matos: obra poética*, volume II, edição James Amado: preparação e notas de Emanuel de Araújo; 2ª ed. Rio de Janeiro: Record, 1990.

MATOS, Gregório de. *Poesias selecionadas/Gregório de Matos*; edição Ione Meloni Nassar; FTD; São Paulo, 1993.

MATTOS, Gregório de. *Uma visita ao poeta*. Rede Bahia. 2005.

MATTOS, Gregório de. *Poesias selecionadas/Gregório de Mattos*. Edição de José Miguel Wisnik. São Paulo: Cultrix, 1976.

RABELO, Manuel Pereira. *Vida e morte do Doutor Gregório de Matos*. Século XVIII (?)

SPAGGIARI, Bárbara & PERUGI, Maurício. *Fundamentos da crítica textual*. História, Metodologia, Exercícios. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

SILVEIRA, Francisco Maciel. Gregório de Mato Guerra: a barroca eternidade do fortuito e do circunstante. **In:** *Poesias Selecionadas - Gregório de Matos*, 1993.

SPINA, S. *Gregório de Matos/Coleção Pequena Biblioteca de Literatura Brasileira*. São Paulo: Assunção, 1946.